

Autor: Fellipe de Andrade Abreu e Lima

Membro Fundador da AEAULP, Arquiteto e Urbanista formado pela Universidade Federal de Pernambuco (2004), mestre em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo / Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (2007). É doutorando em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Conselheiro Científico da Revista Eletrônica de Ciências - Veredas. É professor, tradutor e profissional liberal. Autor dos livros "A Tradadística do Renascimento - 1452" (FAUUSP-2009) e "A Obra e o Tratado de Arquitetura de Giacomo Barozzi da Vignola", dedica-se em especial à Teoria, História, Crítica e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. Traduziu o "Villa" e o "Ludi Matematici" de Leon Battista Alberti, ambos publicados pela FAUUSP em 2009.

Este Texto foi Publicado e Apresentado no Seminário Nacional de História da Cidade e Do Urbanismo em 2012, Espírito Santo - UFES.

Título: A Ideia de Cidade do Século XV ao XVIII

Resumo

Este ensaio disserta acerca da ideia de cidade entre os séculos XV e XVIII, ressaltando as transformações históricas que ocorreram na teoria da arquitetura e do urbanismo. Considerando que a ideia de urbanística na teoria da arquitetura nasceu no século XV e que se transformou, radicalmente, no século XVI, pretende-se efetuar uma trajetória histórico-crítica até o marco inicial do urbanismo iluminista: a reforma da baixa de Lisboa em 1758. Neste sentido, pretende-se criar um percurso histórico da teoria da cidade desde suas origens até o século XVIII, destacando as mudanças específicas que ocorreram em suas abordagens míticas.

Palavras-chave: Urbanismo. Teoria. Cidade.

Abstract

This essay speaks about the idea of city between the 15th and the 18th century, presenting some historical transformations in the theory of the architecture and urbanism. Considering that the idea of urbanism, into the theory of the architecture, was born in the 15th century, this essay intends to do a critical description trajectory of the idea of city until the initial point of of the iluminist urbanism: the reform of the 'baixa' of Lisbon in 1758. In this sense, this essay intends to create a historical passage of the theory of the city since its origins until the 18th century, looking for specific changes that had occurred in its mythical paradigms.

Key-Words: Urbanism. Theory. City.

1. A gênese de uma ideia – século XV

A transição do mundo feudal medieval para o início da era moderna, em fins do século XIV e início do XV, foi determinante para o surgimento de uma nova *scientia* teórica que tentava abordar a cidade, além da arquitetura, é claro, que esta continha. Neste contexto de transição cultural e de ascensão de novos valores históricos, políticos e sociais nasce um movimento intelectual de *renovatio* humanista onde, baseando-se na revalorização da antiguidade clássica, os intelectuais propõem, pela primeira vez, o problema consciente da cidade enquanto sede política de uma sociedade organizada. Como enfatizou Argan, “de fato, construiu-se no âmbito da cultura humanista, pela primeira vez após o fim do mundo clássico, uma teoria ou ciência da cidade, uma *urbanística*”. (ARGAN, 1999, p.56).

No que toca ao que conhecemos como “Urbanismo”, esta teorização nasceu em 1452, com a publicação do tratado *De Re Aedificatoria* de Leon Battista Alberti (1404-1472). No que toca à teoria da arquitetura, seu nascedouro está marcado no ano 27 a.C., época do imperador Romano Augusto, com a conclusão do seu tratado de arquitetura, o primeiro que foi escrito na história da humanidade. Marcus Vitruvius Pollio, escreveu o “Os Dez livros da Arquitetura”, ou melhor, o *De Architectura Libri Decem*. O significado maior deste trabalho está em dois fatos: primeiro por ter sido o primeiro tratado de arquitetura que se conhece na história, e segundo, por ter estabelecido os preceitos e princípios necessários à uma determinada codificação de uma ciência da arquitetura. É certo que a arquitetura se tornou uma *τεχνη* (tekhne) antes de se tornar uma *επιστημη* (episteme), mas antes mesmo de ser técnica ela precisou nascer.

A observação dos tratados da arquitetura do Renascimento faz perceber que havia princípios para nortear o processo projetual, pois, o antropocentrismo do Renascimento emergiu, tornando o “homem” a referência para

si mesmo. A sociedade perfeita, formada por homens perfeitos, deveria expressar uma arquitetura que espelhasse esta harmonia. Com a redescoberta do texto vitruviano que exaltava a natureza e o ser humano, os tratadistas do Renascimento tiveram nas ruínas romanas o conteúdo material para testar as proporções e as medidas descritas por Vitruvius. Para esclarecer os princípios da arquitetura do Renascimento, deve-se então, tomar por base as tratadísticas de Vitruvius e Alberti. Vitruvius foi a base epistemológica para a teoria da arquitetura no Renascimento e Alberti foi o precursor desta teoria no século XIV.

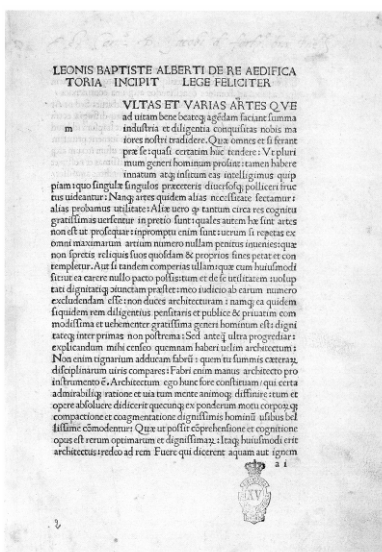


Imagem 1. Leon Battista Alberti. Capa do De Re Aedificatoria. Edição em Língua Florentina, 1550.

Imagem 2. Alberti. Prefácio da primeira edição tipográfica do De Re Aedificatoria. Edição em Latim, 1485.

Neste volume escrito por Alberti, a “metodologia de projeto”¹ que abrange o estudo da cidade, faz dele, o primeiro teórico da arquitetura a ressaltar a importância da relação entre a obra construída e o espaço que a encerra. Alberti, que manteve na sua teoria a concepção da tríade vitruviana *utilitas*, *firmitas* e *venestas*, não via distinção entre arquitetura, engenharia ou urbanismo. Um dos objetos de estudo do tratado de Alberti é um grupo de conceitos intitulado “*lineamenti*”. Os *lineamenti* e a tríade *numerus*, *finitio* e *collocatio* são as partes que compõem o objeto arquitetônico e os “princípios de projeto”, respectivamente, que devem reger o pensamento de um arquiteto quando na elaboração de um projeto. O que ele chamou de *lineamenti* está descrito no Livro 1 como as partes componentes da arquitetura material: *regio* (local), *area* (terreno), *partitio* (divisão), *parties* (partes), *tectum* (coberturas) e *apertio* (aberturas). Estes seis conceitos são complementares dentro da visão abstrata de Alberti, na medida em que qualquer projeto pode ser construído a partir da derivação de seus arranjos.

Alberti tratou a cidade como uma grande casa, reforçando a opção conceitual de estabelecer uma relação entre os edifícios e a cidade. Os demais capítulos do Livro 5 se referem, exclusivamente, às regras dos edifícios particulares. A ordem, que seguiu para descrição das regras da edificação foi mencionada no início do Livro 4. Alberti diferenciou os edifícios de acordo com a posição social dos ocupantes, dos usos e a da forma dos edifícios. Especificamente no Livro 4, Alberti classificou os homens dentro da sociedade, estabelecendo três classes sociais distintas, relacionadas com os dons do ser humano, que em

¹ Apesar deste termo ser contemporâneo, Alberti inaugurou os conceitos de *lineamenti* – (*lineamenta* - em Latim), *numerus*, *finitio*, *collocatio* e *concinntas*, reforçando a idéia do estabelecimento de um método próprio de pensar a Arquitetura, ou seja, o primeiro momento em que se aborda a cidade de modo obstrato. Usaremos neste estudo o termo em italiano: *Lineamenti*.

ordem decrescente são: o dom da razão, o da habilidade manual e artística e o de acumular riquezas.²

Alberti trata ainda dos programas de cidades do bom príncipe e do tirano. Segundo ele, a cidade também depende do modo como é gerida, ou seja, em termos atuais, da gestão urbana dos seus dirigentes. Alberti preferiu o bom príncipe ao tirano, mas colocou que o arquiteto deve saber escolher seus clientes e não deve submeter-se às tarefas que irão prejudicar a sociedade. O ideal ético é uma força que deve ser usada a favor da cidade ideal. Compreende-se então que a visão de “cidade ideal” de Alberti está mais direcionada à satisfação do interesse social do que às formas ou aos espaços construídos.

Juntamente com Alberti, considerado o inaugurador da concepção da arquitetura como a ciência que engloba a cidade, podemos mencionar que houve contribuições de dois outros arquitetos tratadistas que consagraram o século XV como o marco de gênese da urbanística. O primeiro deles foi, Antonio di Pietro Averlino (1400-1465), cognome Filarete, e o segundo foi Francesco di Giorgio Martini (1439-1501). Filarete publicou o *Trattato di Architettura*³ entre 1461 e 1464 e Giorgio Martini os *Trattati di Architettura, Ingegneria e Arte Militare*⁴ em meados de 1470. Estes dois tratadistas abordaram tanto a construção de edifícios, templos e catedrais quanto os locais nos quais devem ser construídas as cidades, onde devem se localizar as ruas e avenidas, suas dimensões e formas, além do estudo dos materiais para a construção e dos serviços necessários para o funcionamento de uma cidade ideal.

² ALBERTI. Ibidem. Livro IV, Capítulo I. p.271. “*Paucioribus primariis civibus*” e “*Minorum multitudin*”. Texto Original. Tradução Nossa.

³ FILARETE. *Trattato di Architettura*. Milano: Edizioni Il Polifilo. 1972. Filarete’s Treatise on Architecture. New Haven and London: Yale University Press, 1965.

⁴ MARTINI, Francesco di Giorgio. *Trattati di Architettura, Ingegneria e Arte Militare*. Milano: Ed. Il Polifilo, 1967.

Estes tratados de arquitetura descrevem desde as medidas e proporções das colunas dos edifícios até a forma e condições geográficas da cidade. Há três fatos que levam a classificar Alberti, Filarete e Martini como tratadistas de um único grupo. Primeiro, o fato de todas estas especificações estarem descritas nos tratados, seguindo sempre a idéia de construir todos os edifícios e espaços urbanos a partir de um módulo baseado no corpo humano. Segundo, e ainda mais importante, é o fato de suas concepções de unidade entre arquitetura e cidade. Por fim, é o fato de Filarete e Martini terem escrito seus tratados – ainda no século XV – aplicando os conceitos albertianos de *numerus*, *finitio* e *collocatio* como as bases epistemológicas do projeto arquitetônico, ou seja, os “princípios de projeto”. Contudo, há diferenças entre estes três tratadistas que tornam cada um dos seus tratados peculiar. Uma das principais diferenças está no fato de Filarete e Martini terem optado por ilustrar seus tratados.

O “*Tratato di Architettura*” de Filarete foi escrito em um latim vulgar e fez uso de desenhos iconográficos para enriquecê-lo. Entre as concepções teóricas de Alberti e Filarete há uma questão didática que se apresenta de modo antitético. Aquém da complexidade do *De Re Aedificatoria*, tanto filosófica quanto conceitualmente, o *Tratato di Architettura* cristalizou-se como o primeiro tratado propositalmente ilustrado e difundido do Renascimento. Com muitas referências a Alberti, Filarete usou o desenho como um instrumento essencial à função prática e profissional da arquitetura. Filarete evocou a importância da ilustração afirmando, por exemplo, que “se não há o desenho para mostrar, o arquiteto não poderá fazer nada com a devida forma, nem nada digno, por que a arte de ornamentar as coisas dignas deve ser baseada nos desenhos”.⁵

O tratado de Filarete possui vinte e cinco livros; dos quais apenas os quatro últimos não tratam de arquitetura. Os

⁵ FILARETE. Ibidem. p.428. Codice Magliabechiano, II, I, 140. Livro 15, f.113v. Tradução Nossa.

vinte e um livros que dissertam sobre arquitetura podem ser agrupados em três partes de acordo com cada temática. Os Livros 1 e 2 tratam sobre a teoria da arquitetura em si. Os Livros 3 a 11 dissertam sobre a construção da cidade ideal, chamada “Sforzinda”, dedicada ao Duque Sforza de Milão, financiador de suas obras. Finalmente, do Livro 12 ao 21 são descritos os edifícios que devem fazer parte da cidade ideal, bem como uma justa relação entre a cidade e os edifícios, manifestada através do uso de um mesmo módulo para elaboração das colunas, edifícios, praças e demais espaços urbanos.

O plano das quadras centrais da cidade segue uma malha ortogonal, porém, as ruas principais que se projetam até a muralha estrelada, seguem um formato helicêntrico que corta a cidade no ponto central da circunferência e tangencia as pontas da muralha. A forma da cidade é definida a partir da superposição de dois quadrados sob o mesmo centro, criando um polígono estrelado de dezesseis lados. Dezesseis também são as vias que se cruzam no centro da cidade, ou melhor, no centro da praça principal, onde também está o monumento principal. A intenção de usar um mesmo módulo para as praças, ruas, palácios e outros edifícios que compõem a cidade de “Sforzinda” foi, de acordo com Filarete, uma das maneiras de se relacionar arquitetura, corpo e cidade. Esta prática já tinha sido anunciada por Alberti como uma das condições para se atingir a qualidade espacial de uma cidade. Segundo Filarete, os edifícios mais importantes da cidade deveriam estar localizados ao redor das praças e as residências populares na periferia ou junto à muralha. Formando uma circunferência interna à muralha e, também seccionada pelas ruas principais, estão dezesseis outros edifícios que incluem templos, mercados e paróquias. As plantas e fachadas devem, segundo Filarete, seguir o mesmo módulo do plano urbano, procurando intensificar a relação corporal entre a cidade e a arquitetura.

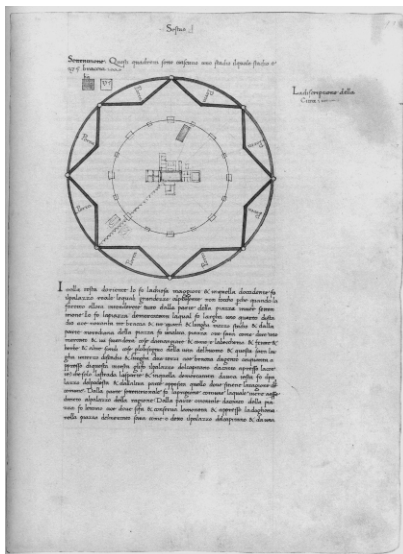
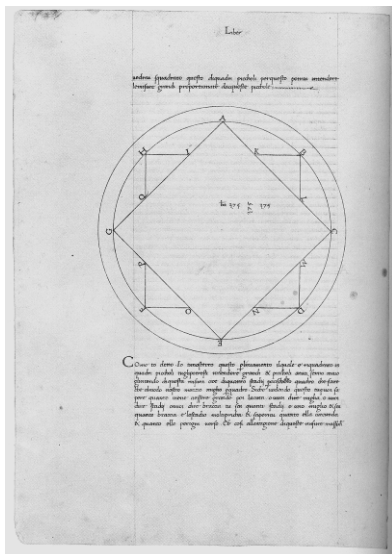


Imagem 3. Filarete. Trattato di Architettura. Tavola 93. Perímetro esquemático da cidade de Sforzinda.

Imagem 4. Idem. Tavola 23. Esquema planimétrico da cidade de Sforzinda. Aqueduto na parte inferior esquerda e estradas radiais e praça central colocada a 1500 braças das portas.

O tratado de Filarete fez uso de uma ferramenta cada vez mais valorizada para a época: desenhos numerados e coloridos. Contudo, não foi contemplado com edições posteriores⁶. Se por um lado, Alberti construiu um discurso normativo e escolástico, Filarete assemelhou sua obra a um código, direcionando-o a um público diferente. Filarete foi, de fato, o primeiro teórico a ilustrar graficamente a concepção de arquitetura e urbanismo juntos. Seu tratado serviu de base epistemológica para poucos tratadistas posteriores, como Giorgio Martini e Pietro Cataneo, um dos principais intérpretes vitruvianos do século XVI. Caso a imprensa não tivesse atingido tamanho desenvolvimento naquele período, as ordens clássicas da arquitetura, além de sua difusão e

⁶ Há conhecimento de transcrições do tratado de Filarete. Uma foi feita para o rei da Hungria entre 1484-1489 e outra para Lorenço, o magnífico, entre 1482 e 1490; este último está na Universidade de Valência – Espanha.

proliferação, estariam provavelmente baseadas nas ordens canonizadas por Alberti e Filarete. Apesar disso, a imprensa já estava conseguindo difundir os manuscritos em série. O uso das imagens começava a ser a realidade numa sociedade que pretendia difundir o conhecimento. Afinal de contas, foi assim que a Itália tornou-se o centro ocidental durante o século XV.

O terceiro tratadista que seguiu as idéias iniciadas por Alberti foi Francesco di Giorgio Martini (1439-1501), autor do famoso “*Trattati di Architettura, Igegneria e Arte Militare*”. Este tratado surgiu quase meio século depois dos dois antecessores. Martini foi um arquiteto-engenheiro, especializou-se na construção de fortalezas para os duques de Urbino, Montefeltro e trabalhou na canalização e construção de pontes em várias cidades italianas. Este tratado, com particularidades que o diferem dos antecessores, era um grande manual, de caráter enciclopédico, sobre arquitetura militar, engenharia naval, mecânica e hidráulica. Além de grande estudioso das obras de Alberti e Vitrúvio, Giorgio Martini fez um dos mais ilustrados tratados de toda a história. Os sete livros que compõem este volume, além de inaugurarem a concepção da “engenharia e arte militar”, são ilustrados exaustivamente. O paradigma vitruviano do corpo humano, também usado por Alberti, Filarete e os intérpretes de Vitrúvio do século XVI, foi adotado por Giorgio Martini, que mostrou nos próprios desenhos a inserção da figura humana nas ordens arquitetônicas e nos edifícios.

Quando os tratados de Alberti e Vitrúvio foram impressos pela primeira vez com a nova tecnologia dos caracteres móveis, entre 1485 e 1486 em Florença e Roma, respectivamente, Giorgio Martini estava concluindo o seu tratado⁷. A edição gráfica destes tratados deve ter motivado Giorgio Martini a publicar seu volume, que apareceu pela primeira vez entre 1487 e 1491. Ao longo dos sete livros que

⁷ A primeira edição ilustrada do *De Re Aedificatoria* é de 1550. L'Architettura. Tradotta in Lingua Fiorentina da Cosimo Bartoli. Com la Aggiunta de Disegni. Firenze: Lorenzo Torrentino, 1550.

compõem seu tratado, Martini aprofundou os estudos da arquitetura nos aspectos construtivos, estéticos e ideológicos. A partir do Século XVII, o tratado de Martini foi esquecido, tendo em vista que seus estudos abordam técnicas construtivas da engenharia civil e militar pertencentes ao século anterior, tornando-se obsoletas. Seu tratado impõe à arquitetura o domínio de muitas ciências, da mesma forma como os de Alberti e Filarete, mantendo a ideologia de pensar a arquitetura a partir do corpo humano e os espaços urbanos como partes de um organismo vivo.

2. A transição de uma teoria – séculos XVI e XVII

A difusão de tratados de arquitetura no final do século XV, fomentado pela criação da tipografia de caracteres livres, foi acompanhada pela proliferação de abordagens acerca do fenômeno urbano. A idéia acerca das cidades foi um elemento que iniciou com Alberti, mas que estava tomando forma de discurso político e literário, além de científico, desde os primeiros anos do século XVI, o cinquecento. As concepções de Leonardo da Vinci (1452-1519) são, mesmo que escassas e fora de parâmetros que se enquadrem no que entendemos como teoria sistemática, pontuais e precisas no que pretendem expressar. Notadamente, suas anotações tendem a privilegiar a busca da “bellezza” e do “decoro”, além de considerar uma importante relação de predominância de determinados edifícios no contexto urbano. O palácio ou castelo do príncipe e as igrejas são os marcos arquitetônicos mais importantes para Leonardo, e estes, devem estar relacionados com os espaços de convivência e circulação; praças e ruas. Assim, diria Leonardo que “o palácio do príncipe deve estar diante de uma praça”⁸, e que “as principais partes que se procura ver em uma cidade são os domus das

⁸ DA VINCI, Leonardo. Texto Original: “*Il palazzo del principe de' avere dinanti una piazza*”. Apud: BAROCCHI, Paola. *Scritti d'Arte del Cinquecento*. Milano/Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1971, p.3116. Tradução Nossa.

igrejas, das quais são os que se apresentam primeiro e as que aparecem aos olhos primeiro são as portas das igrejas pelas quais se passa”.⁹

Comparar Leonardo com Alberti, Filarete e Giorgio Martini, ou melhor, a influência destes últimos nas concepções do filho de Piero da Vinci é uma tarefa irremediável, tendo em vista que grande parte das idéias parece encontrar uma origem no *De Re Aedificatoria* e noutros tratados do quattroceto. A importância vital das águas numa cidade, a hierarquia entre ruas, a diferenciação entre tipos habitacionais, o posicionamento privilegiado dos palácios e igrejas numa cidade; são todos temas pertencentes a Leonardo e que encontram subsídios nos tratados de Alberti, Filarete e Giorgio Martini. É ainda relevante o caráter inventivo de Leonardo quando imagina estradas subterrâneas sob viadutos suspensos e, ao mesmo tempo, legislativo, quando observa que as vias devem manter uma relação proporcional com as habitações laterais a estas¹⁰. Num contexto abstrato de classificação, podemos mencionar que Leonardo se enquadra num teórico pragmático e inventivo do fenômeno urbano, ressaltando que o universalismo teórico e a individualidade textual e casual, dos mencionados teóricos, é latente tanto no século XV quanto nos seguintes.

O literato e jurista Claudio Tolomei¹¹ foi de profunda importância na literatura e cultura italianas do século XVI.

⁹ Idem. Texto Original: “*Le principali parti che per le città si ricerca si sono i domi di quelle, delli quali appressatosi le prime cose che all’occhio appariscano sono le porte donde in esse chiese passare si possa*”. Tradução Nossa. In: Anotações de uma carta endereçada aos construtores do Duomo de Piacenza Appunti per una lettera da indirizzarsi ai fabbricieri del Duomo di Piacenza. [Nota per l’edizione elettronica Manuzio].

¹⁰ Idem. Leonardo escreveu que: “*Tanto sai larga la strada, quanto è la universale alteza delle case*”. E ainda que: “*Per le vie socterane si de’ votare destri, stalle essimile cose fetide. Dall’uno arco all’altro de’ essere bracci trecento, cioè ciascuna via che riceve Il lume dalle fessure delle strade di sopra*”. Apud: BAROCCHI, Paola. *Scritti d’Arte del Cinquecento*. p.3115.

¹¹ Claudio Tolomei (?1492-?1556) estudou nas universidades de Bolonha e de Siena. Suas obras conhecidas são “*De corruptis verbis iuris civilis*”, de

Dentre suas contribuições ressaltamos a carta escrita a Gabriel Cesano, descrito por Benvenuto Cellini como outro grande literato do período e amigo pessoal de Tolomei em Ferrara. Ao longo desta correspondência, publicada em 1547 mas datada de ‘Roma, 20 de junho de 1544’, Claudio ressalta os pontos que considera importantes para o nascimento e florescimento das cidades: os elementos ar, água e terra. Escolher um bom local, como já haviam enfatizado os teóricos anteriores a este, a citar o livro I de Vitruvius e Alberti por exemplo, o autor menciona que “entre as primeiras coisas devem fazer advertência à boa eleição do lugar, por que deste nascem muitas felicidade e infelicidade das cidades edificadas”¹². Junto com o de Leonardo da Vinci, esta carta é mais um testemunho pragmático de pensamento acerca do fenômeno urbano. Com uma sucessão de exemplos históricos e reais de cidades em toda a Europa e África, o autor ressalta a importância destes três elementos afirmando:

Digo portanto que, vivendo o homem em meio a três elementos, o ar, a terra, a água, e estando sempre envolto no ar, e os outros dois ultrapassando agilmente de um ao outro, é necessário que aquele que quiser eleger um bom sítio, olhe primeiramente a estas três coisas.¹³

meados de 1516, “*Il polito*”, de 1525, porém sob pseudônimo de Adriano Franci, “*Versi et regole de la nuova poesia toscana*” de 1539, as “*Lettere*” de 1547, “*Il Cesano*” de 1555 e a perdida obra intitulada “*Disputationes et paradoxa iuris civilis*”.

¹² TOLOMEI, Claudio. Texto Original: “*Vi dico dunque come tutti coloro che vogliono edificare nuove città, intra Le prime cose debbeno avere avvertenza a la buona elezzion del sito, perché da questo nascono spesse volte Le felicità e l’infelicità de le città edificate*”. Tradução Nossa. Apud: BAROCCHI, Paola. *Scritti d’Arte del Cinquecento*. p.3123.

¹³ Idem. Texto Original: “*Dico adunque che, vivendo gli uomini quaggiuso in mezzo di ter elementi, de l’aria, de la terra, de l’acqua, e stando sempre involti ne l’aria, e de gli altri due trapassando agevolmente de l’uno ne l’altro, è necessario che colui che vuole eleggere um buon sito, primamente abbia riguardo a queste ter cose*”. Tradução Nossa. Apud: BAROCCHI, Paola. *Scritti d’Arte del Cinquecento*. p.3124.

A terra precisa ser fértil para que possa nutrir seus filhos; as águas precisam ser boas para beber, para os animais e para navegação; precisa ser fácil conduzida e encontrada com abundância; será melhor possuir rio e mar, unindo para diversos usos águas doces e salgadas. Exemplos como Lion, Avignon e Paris são tomados como referência por Tolomei. Lisboa, Sevilha, Veneza, Roma, Gênova, Nápoles e Ancona também. A boa cidade deve ser considerada como a possível sede de um império, como foi Roma. Acerca da geografia do sítio, Tolomei recomenda que haja um local mais alto para edificação de belos e importantes edifícios. As terras que a circundam devem ser férteis, amplas e planas de matéria prima para abastecê-la com toda espécie de alimentos. O projeto teórico de Claudio Tolomei foi, particularmente, estudado por Pietro Cataneo, que fez proposições para a cidade de Orbetello sobre o monte Argentario. Pietro di Giacomo Cataneo (1510-1569), outro importante tratadista do Renascimento italiano, foi o autor do difundido *I Quattro Primi Libri di Architettura*, publicado em 1554. Neste tratado, Cataneo, considerado um regressista vitruviano, faz considerações arquitetônicas e urbanísticas. As considerações arquitetônicas versam sempre de acordo com as relações antropométricas entre as diversas partes do edifício e da cidade com o corpo humano. Cataneo relaciona ainda as proporções humanas com os ideais cristãos, concebendo a cidade como um corpo, como já havia feito seu antecessor Leon Battista Alberti. Seu 'os quatro primeiros livros' publicado em 1554 foi revisto e ampliado para uma nova edição com oito livros, publicado em 1567 com o título *L'Architettura*. Sobre as considerações urbanísticas deste tratado podemos ressaltar três pontos principais: sobre as partes boas que se deve procurar para um sítio adequado no qual se criará as cidades; sobre a importância em concluir a planta de uma cidade com boas divisões espaciais das praças, estradas, templos, palácios e demais edifícios e, em terceiro ponto, sobre a importância das muralhas nas cidades costeiras e determinação adequada das medidas adequadas

ao seu desenvolvimento¹⁴. Assim sendo, Cataneo inicia um discurso contrário ao discurso de tradição vitruviana no qual a tríade utilitas, firmitas e venustas perde espaço para o quinteto sanità, fertilità, fortezza, commodità e vaghezza. Nas palavras do autor:

Convém-se com toda diligência, em eleger um local de uma nova cidade, advertir que naquele, sendo possível, estejam todas as boas qualidades; por que destes se vêem na maioria das vezes, nascer a grandeza ou miséria das cidades edificadas. Deve-se, portanto, na eleição do seu sítio procurar a salubridade, fertilidade, fortaleza, comodidade e deleite: a salubridade será a porta da bondade do ar, das águas e dos vegetais.¹⁵

O tratado de Pietro Cataneo responde diretamente aos escritos por Vitruvius, Alberti e Serlio, no sentido de contrapor-se aos argumentos teóricos dos seus predecessores e procurando estabelecer soluções empíricas à problemática estabelecida. Considerando ainda que entre 1543 e 1548 Cataneo acompanhou as obras do seu projeto para a

¹⁴ CATANEO, Pietro. Títulos oriniais dos tópicos tratados por Cataneo: “*Di tutte le buone parti o qualità Che in genere si deveno ricercare nell’elezzione Del sito dove so convenga in tutto edificare o aggrandire nuove città*”; “*Di quanta importanza sia nel terminar la pianta di nuova città i buon compartimenti delle piazze, strade, tempii, palazzi e di ogni altro spazio o edificio publico*”; “*Della città maritima com la sua cittadella e com il suo molo per via d’ale di mura fabricato, com le misure della sua pianta, e da quella per ordine di prospettiva tiratone il suo alzato, mostrando per variare tutta la muraglia sopra i fondamenti senza alcun terrapieno*”. CATANEO, Pietro. I Quattro Primi Libri di Architettura. Venezia: Aldus, 1554. f.2-53. Tradução Nossa. Apud: BAROCCHI, Paola. Scritti d’Arte del Cinquecento. p.3185-3231.

¹⁵ Idem. Texto Original: “*Conviensi con ogni diligenza, nello eleggere il sito di una nuova città, avvertire Che in quello, essendo possibile, sieno tutte le buone qualità; perché da questo si veggono il più delle volte nascere le grandezze o le miserie delle città edificate. Debbesi per tanto nella elezzione del suo sito ricercare la sanità, la fertilità, la fortezza, la commodità e la vaghezza: la sanità ci serà porta dalla bontà dell’aria, dell’acque e dell’erbe*”. Tradução Nossa. Apud: BAROCCHI, Paola. Scritti d’Arte del Cinquecento. p.3185.

fortificação de Orbetello, fato que reforçou sua crítica aos fundamentos teóricos e abstratos ganharem força e relevância. No que toca aos seus exemplos citados, o autor menciona ao longo do tratado uma série de cidades e países que tomou por referência para defender suas colocações e argumentações: Polônia, Portugal, Egito, Inglaterra, Hungria, Magna Grécia, Espanha, Índia e regiões de toda a Itália. Em todos os exemplos citados, a qualidade das águas é o problema central do sítio adequado para edificar uma cidade. Esta idéia já estava presente em Alberti, que ao longo do seu tratado de arquitetura mencionou em vários momentos a importância das águas para a vida dos homens.¹⁶

A discussão conceitual de Cataneo recai na importância dos espaços públicos da cidade, sejam estes praças com magníficas e ornadas colunas sejam ruas e portas de acesso da cidade. A influência de Alberti e Filarete, em especial, é reforçada pela importância dada aos edifícios públicos, estradas e vias, templos religiosos, escolas, palácio principesco e residências familiares, dentre outros também citados pelos seus antecessores¹⁷. Cataneo também faz uso

¹⁶ ALBERTI, Leon Battista. Texto Original: “*Si potrebbe parlare a lungo delle acque, e riferire le copiose notizie, spesso sorprendenti, che ne danno gli storici dell’antichità, a propósito del molto bene e del molto male che possono fare all’uomo; ma si tratta di casi rari, utili più a fare sfoggio di competenza che a una conveniente trattazione dell’argomento. Inoltre delle acque si dirà più ampiamente a suo luogo. È invece da tener presente il fatto pur ovvio che l’acqua è alimento indispensabile a tutti i vegetali – piante e semi – e a tutti gli organismi che partecipano della funzione della funzione vitale del movimento, nei cui prodotti l’uomo trova nutrimento e ristoro*”. L’Architettura. Milano: Edizioni Il Polifilo, 1989. p.22.

¹⁷ CATANEO, Pietro. Texto Original: “*Onde, essendo prima terminato il recinto angolato delle mura della città di conveniente grandezza, conviensi dipoi com buona ragione compartire ogni suo spazio dentro: come le strade, le piazze, il pomerio e qualunque altro vano, lassando nel mezzo e centro della città il vano per la sua principale piazza, accioché a tutti gli abitatori sai egualmente commoda; la qualle si potrà fare in tutto o in parte porticata com magnifiche et ornate colonne, e da quella, essendo piano il sito dentro le mura, si potrà a ciascuna porta riferire per retta linea una strada principale, e tal volta continuare la dritta sino alla sua opposita porta*”. Apud: BAROCCHI,

das imagens, e em seu desenho de cidade ideal fortificada, semelhante ao projeto de Scamozzi e Filarete, apresenta praças regulares e traçado regular das vias. Por fim, é necessário reforçar que o autor defende a suntuosidade dos templos e edifícios religiosos e principescos, e que toda a concepção arquitetônica e urbanística seja semelhante a “un ben proporcionato corpo umano, col suo disegno”, ou seja, semelhante a um corpo humano bem proporcionado e de acordo com seu desenho.

O último teórico destes mencionados que podemos classificar num rol de pragmáticos é Ludovico Alvise Cornaro (1484-1566). Natural de Pádua, fez parte da aristocracia artística veneziana, e escreveu um livro chamado ‘Discorsi intorno alla Vita Sobria’ em 1558, além do ‘Trattato di Architettura’ em meados de 1555, do qual se conhecem duas versões. Citando cidades como Pádua e Veneza, Cornaro escreve um ensaio crítico dos valores estéticos de então, mencionando que não pretende dissertar sobre todos os temas presentes na maioria dos textos semelhantes desde Vitruvius, mas que a *commodità* seria um dos maiores bens possível na arquitetura. San Marco e Santo Antonio di Padua são dois exemplos arquitetônicos citados que possuem ordens de colunas que não seguem referências históricas, mas que mesmo assim possuem sua beleza e grandeza. Escrito para servir como referência sobre casas e habitações de uma cidade, o autor opta não escrever sobre diversos temas. Segundo Cornaro, as cidades existem a partir da união e aglomeração de casas e demais edifícios. O autor menciona que não escreverá como se deve fazer uma cidade (come si

Paola. *Scritti d'Arte del Cinquecento*. p.3202-3203. A comparação com o tratado de Filarete é direta. Neste trecho, Cataneo descreve uma praça no centro da sua cidade ideal, conforme a descrição e o desenho feito por Filarete no seu plano para a cidade de Sforzinda. Reforça esta idéia Richard J. Tuttle. In: *Trattati, con l'aggiunta degli scritti di architettura di Alvise Cornaro, Francesco Giorgi, Claudio Tolomei, Giangiorgio Trissino, Giorgio Vasari by Pietro Cataneo; Giacomo Barozzi Da Vignola* Source. *The Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol. 51, No. 1, March, 1992. p. 97-98

deverebbe edificare una città), nem dirá nada sobre as melhores areias (sabion), terras adequadas para os tijolos (terra sia buona per far le pietre cotte), nem de formas e medidas (non tratterò di tal forme e misure), nem qual terreno é adequado para construir em cima (qual terreno è buono per fondarvi sopra), mas que irá escrever sobre as regras (le regole) da arquitetura. Esta decisão do autor encontra-se nas primeiras palavras, quando menciona que:

Sendo belos e cômodos palácios e edifícios as principais partes da cidade e as que a adornam e honram e as fazem belas e famosas, mas sobretudo os belos e cômodos alojamentos, casas e habitações dos cidadãos, pois estas são de número infinito e estas que fazem as cidades e que sem estas não seriam cidades; sendo disso escrito pelos arquitetos mas pouco, disto portanto eu escreverei para os cidadãos e não para os arquitetos. Não escreverei de teatros, de anfiteatros, termas, nem de como se faz uma cidade nova, por que isso nunca acontece e aqueles outros edifícios não se usam mais, e destas coisas o divino Vitruvius e o grande Leon Battista Alberti escreveram já suficientemente.¹⁸

¹⁸ CORNARO, Alvise. Texto Original: Versão 1: “*Essendo le belle e commode fabriche et edificii le principali parti della città e quelle che molto le adornano, onorano e fanno belle e famose, ma sopra tutto li belli e commodi alloggiamenti, case e stanze delli cittadini, perché queste sono di numero infinito e quelle che fan le città che senza esse non sariano le città; ne essendo di questo stato dalli architetti scritto se non poco, di queste adunque io ne scriverò per insegnar alli cittadini e non ali architetti. Né scriverò di teatri, anfiteatri, terme, né come si diè far una città di nuovo, perché questo mai avviene e quelli altri edificii più non si usano, e di queste cose il divino Vitruvio et il gran Leon Baptista Alberti ne scrivono a sufficienza*”. Versão 2: “*È veramente bellissima arte quella dell’architettura, perché, oltre che la commoda gli uomini al comodo buono per stanziare et ad altri suoi necessari bisogni, ella insegna come la fabbrica che s’ha a fare, sai fatta com tal arte che la possa durare assai anni; et oltre a questo, che ancora sai bella. E perché Vitruvio, che scrive di tal arte, e li altri non scrivono di case di cittadini se non poço, ma assai di fabriche d’imperatori e principi, come di teatri, anfiteatri, terme e simili, le quali ora più non sono in uso, e gli casamenti delli cittadini per necessita si usano e si useranno, e, per dir la verità, son quelle che fanno belle le città, essendo in tanto*

Suas regras da arte da arquitetura somam sete (sono le sette regole principali e generali di quest'arte). A primeira diz que "os fundamentos feitos sob a terra devem ser maiores que o sobre ela"; a segunda que as construções devem ser feitas num nível maior que os das ruas; a terceira que nada da construção esteja além dos limites dos muros; a quarta diz que se deve aplinar o mais possível as fachadas; a quinta diz que as janelas e varandas sejam em número ímpar; a sexta que as colunas tortas não sejam usadas para sustentar o edifício e, por fim; a sétima diz que as aberturas de portas e janelas devem ter uma medida justa, nem maior nem menor do que é preciso.

Considerando o exposto, podemos ressaltar que a concepção urbanística de Cornaro limita-se ao desenvolvimento de regras e preceitos pragmáticos das habitações e demais edifícios da cidade. Compará-lo aos tratadistas anteriores como Alberti, Filarete e, até mesmo Vitrúvio, é demasiado delicado, pois sua individualidade como autor já é declarada no início de seu texto, quando ressaltou a opção de não escrever sobre os temas já amplamente discutidos. É evidente que se reporta a Vitruvius em muitos momentos; e o faz citando o autor romano. Contudo, seu pragmatismo encontra-se longe de especulações abstratas e filosóficas como as feitas por Alberti ou dos planos urbanos ideais feitos por Filarete ou mesmo Giorgio Martini. Seu discurso encontra-se numa tentativa de adequação objetiva do problema habitacional, como também foi feito por Sebastiano Serlio no Livro VII, mas que só viria a ser publicado em 1575.

Além das concepções pragmáticas expostas até aqui, podemos encontrar no cinquecento italiano as concepções urbanísticas ditas literárias. Neste grupo de teóricos, ou melhor, de literatos, encontram-se Anton Francesco Doni (1513-1574), Francesco Patrizi (1529-1597) e Ludovico

numero". Biblioteca Ambrosiana. Milão. Tradução Nossa. Apud: BAROCCHI, Paola. *Scritti d'Arte del Cinquecento*. p.3135.

Agostini (1534-1590). O primeiro deles, Francesco Doni, escreveu um diálogo literário entre um sábio e um louco, intitulado 'Mondo Savio e Pazzo' e publicado em 1552. Dedicado ao Marquês Doria, o diálogo seria produto de um sonho no qual teriam visto um novo mundo, mas que é classificado por um deles como um mundo louco e por outro como um mundo sábio, racional e perfeito (veggono un nuovo mondo, il quale da um di loro è detto pazzo e da altro Savio mondo)¹⁹. Considerada a primeira obra do gênero na Itália, este diálogo fantasioso nos faz lembrar as elucubrações de Filarete, pois o projeto ideal desta cidade teria um formato de estrela, cem portas na sua muralha e com cem grandes avenidas concorrentes no centro do plano, onde haveria ainda uma grande igreja, quatro a seis vezes maior que a cúpula da catedral de Florença. Este monumental edifício teria também cem portas, e dentro deste poderiam ser vistas as cem avenidas e cem portas da cidade, onde o homem seria mais uma vez a referência e centro de visão de tudo. As concepções urbanas de Doni ressaltam um caráter de socialismo utópico ou comunismo universal entre todos os habitantes. Apesar de laico, haveria templos e cultos semanais. As habitações seriam iguais e o trabalho seria uma forma de integração social. A ausência de advogados justificase pela ausência de leis, de políticos e tribunais e forças armadas. Comparado com outro utopista, o inglês More, verificamos a primazia de Doni no que toca à ausência de preocupações espirituais. Seu modelo seria a ausência de classes sociais, de leis e limites, pois colocá-los é, para Doni, criar a justificativa de sua transgressão. Seu texto é voltado para o povo e não para os eruditos ou governantes déspotas. Sobre a morfologia da cidade, o autor ressalta:

Louco: Sei que eu não fui a este local, nem me lembro de ter sonhado coisa nenhuma. Sábio: Estes peregrinos nos

¹⁹ DONI, Anton Francesco. *I Mondi del Doni*. Veneza: Marcolini, 1552. Tradução Nossa. Apud: BAROCCHI, Paola. *Scritti d'Arte del Cinquecento*. p.3162.

conduziram a uma grande cidade, a qual era construída de uma forma perfeita de estrela. É necessário que tu imagines deste modo como eu a desenho sobre esta terra. Eis aqui que eu te mostro num círculo; faz de conta de este círculo seja a muralha e aqui no meio, onde faço este ponto, seja um templo alto, quatro ou seis vezes maior que a cúpula de Florença.²⁰

O segundo autor do rol de teóricos literatos do seicento italiano é Francesco Patrizi da Cherso. O autor de 'A Cidade Feliz', *La Città Felice*, foi, sem dúvida, um dos maiores intelectuais do século XVI. Originário de Cres, na atual Croácia, Patrizi escreveu inúmeras obras, dentre as quais se destacam o *Trattato della Poetica*, publicado em 1582, e o *Della Retorica* em 1562, mesmo ano da publicação do tratado das cinco ordens de Vignola. Sua cidade ideal, contida no seu texto de cunho literário e utópico, é constantemente nomeada de cidade feliz, na qual o amor impera e a reciprocidade se propaga. De acordo com Patrizi, "a nossa cidade não deve ser infinitamente plena de pessoas, mas numa soma tal que, entre elas possam todas se conhecer, e feito melhor ainda, serão de várias sanguinidades e casais distintos. E de modo que o amor radical cresça e atinja uma perfeição tal, que faça fruto perfeito, quero que os convencidos públicos se nutram ; os quais do público e no público se celebrem a cada mês pelo menos uma como era costume antigo do rei da Itália Italo, que antes de todos colocou este hábito em uso"²¹. A vontade de

²⁰ Ibidem. Texto Original: "*Pazzo: So che io non ci fui, né mi ricordo aver sognato cosa alcuna. Savio: Questi peregrini ci menarono in una grande città, la quale era fabricata in tondo perfettissimo, a guisa duna stella. Bisogna che tu t'imagini la terra in questa forma come io te la disegno in terra. Ecco che io ti segno un circolo; fa conto che questo cerchio sieno le muraglie e qui nel mezzo, dove io fo questo punto, sai un tempio alto, grande come è la cupola di Fiorenza quattro o sei volte*". Tradução Nossa. Apud: BAROCCHI, Paola. *Scritti d'Arte del Cinquecento*. p.3163. Percebemos influência da teoria de Alberti, que apesar de não especificar, recomenda a cidade circular como a que mais se aproxima da perfeição.

²¹ PATRIZI, Francesco. *La Città Felice*. Veneza: Griffio, 1553. Texto Original: "*Doverà aduunque la nostra città non d'infinita moltitudine di genti esser ripiena, ma di tanta in sommo, che tra loro possono tutti facilmente*

cultivar o amor será a chave da efetivação das relações sociais na cidade feliz de Patrizi, considerada uma obra de inspirações neoplatônicas. Como foi professor em Ferrara na década de 1580, momento em que freqüentou a corte de Afonso II, Patrizi tentou difundir suas idéias literárias em ações políticas práticas.

Ressaltamos que, diversamente do projeto utópico de Anton Francesco Doni e de outros utopistas contemporâneos, como More e Campanella, na cidade feliz de Patrizi coabitam dois grupos sociais distintos. O primeiro grupo seria formado por camponeses, artesãos e comerciantes, a quem não é conferido o título de cidadelos, ou aqueles que teriam cidadania, não escravos; o segundo grupo, composto pelos magistrados, guerreiros e sacerdotes seriam os verdadeiros cidadãos. Os desesseis capítulos que compoem esta obra tentam ressaltar a união perfeita que deve existir entre o corpo e a alma. Nas palavras do autor, “é preciso que nós, com todo nosso poder, conservemos íntegro e tenaz o vínculo com o qual o corpo está à alma ligado”²². O projeto ideal e literário de Patrizi não parece servir aos ideais dos príncipes e monarcas, como eram os projetos de cidades ideais feitos, em geral, pelos tratadistas de arquitetura dos séculos XV e XVI. Ao contrário, a Città Felice contém um projeto de emancipação do homem, sendo o projeto de cidade fruto deste novo ser humano. A sabedoria é valorizada como requisito para os governantes da cidade. Esta é mais uma utopia crítica dos modelos sociais vigentes, seguindo os

conoscersi, et acciò meglio fare, saranno per diversi sangui e casate distinti. Et accioché questa radice del reciproco amore cresça e venga a perfezzion tale, che faccia frutto perfetto, voglio che ne i conviti publici si nutrisca; i quali del publico e nel publico si celebrino ogni mese almeno una fiata, secondo l'antico costume di Italo re d'Italia, che primo di tutti mise in piedi questa usanza”. Tradução Nossa. Apud: BAROCCHI, Paola. Scritti d'Arte del Cinquecento. p.3177.

²² PATRIZI, Francesco. A Cidade Feliz. Apud: MORAES JUNIOR, Helvio Gomes. A Cidade Feliz: a Utopia Aristocrática de Francesco Patrizi. In: Revista Morus – Utopia e Renascimento. n. 1, pp. 109-128. 2004.

moldes da corte Veneziana dos seicento e mantendo um projeto de valores humanistas que vivia em crise desde então.

O terceiro autor que aborda a cidade de maneira literária e idealística é Ludovico Agostini. *La Repubblica Immaginaria* foi publicado entre 1575 e 1580, poucos anos após o tratado *I Quattro Libri della Architettura* de Andrea Palladio. Composto em forma de diálogo, a obra de Agostini cria uma interlocução entre o finito e o infinito, onde o 'finito' é a razão humana, os limites terrenos e as imperfeições da vida e do homem, e o 'infinito' é a sabedoria divina, o espiritual da vida, criadora de tudo. Neste embate, enquanto o finito tenta estabelecer normas e conceitos para discutir as questões pragmáticas e concretas, como os tipos residenciais, os aspectos construtivos dos edifícios e estradas e demais espaços que compõem uma cidade, o infinito coloca as questões sobre as imperfeições humanas, dentro dos critérios de valores humanistas. Ressaltando parte do diálogo, percebemos esta dualidade entre materialidade e espiritualidade da obra. Em essência, esta dualidade é, para o autor, a própria problemática das imperfeições contemporâneas das cidades, que seguem a humanidade desde os primórdios. O problema estaria no homem e em sua essência, não nas suas capacidades técnicas e filosóficas. Agostini coloca, dentre outras contraposições em forma de diálogo, a seguinte:

Finito: Agora, para não edificar a cidade desta nossa república em tal sítio, que por defeito de ar levaria todos os habitantes rapidamente por terra, faremos a eleição de um lugar apropriado à saúde tanto natural quanto accidental.... E daremos normas e leis ao regimento da saúde da nossa república.... Infinito: Como remediarás a ambição daqueles que querem palácio e não casas para morar?... *Nisi Dominus custodiverit civitatem, frustra vigilat qui custodit eam* (Se o

Senhor não protege a cidade, vigia em vão que a tem em custódia).²³

As considerações de Ludovico Agostini encontram referência em autores menos difundidos que o precederam. Mambrino Roseo, por exemplo, escreveu o Elogio dei Garamanti, publicado em 1543; Matteo Buonamico, autor da utopia La Isola di Narsida, datada de 1572, e ainda Uberto Foglietta, que em 1559 reforça a ideologia das repúblicas ideais com o Della Repubblica di Genova. O contexto do seicento italiano está repleto de discussões sobre cidades e planos urbanos; sobre urbanística, arquitetura e desenho urbano. Dois nomes fora dos autores de cunho literário e utópico são Andrea Palladio e Vincenzo Scamozzi.

Andrea di Pietro della Gondola, renomado como Andrea Palladio (1508-1580), publicou o I Quattro Libri della Architettura em 1570 e muitos outros documentos entre 1554 e 1579. Quando Palladio publicou seu tratado de arquitetura, o conceito de “cidade ideal” estava decididamente em outro campo, o da literatura e da política. Um intenso estudo sobre “tipos arquitetônicos” foi o caminho que a teoria da arquitetura percorreu enquanto matéria autônoma da prática. Os tratados de Vignola e Palladio, além do de Scamozzi, deveriam então apresentar desenhos de edifícios e casas, apenas com menção ou relação ao espaço urbano da cidade. Tais autores defendiam a idéia de que se deveriam construir em locais adequados, como já faziam seus antecedentes, que as edificações deveriam estar harmonicamente implantadas e que os valores estéticos deveriam ser resguardados. Palladio

²³ AGOSTINI, Ludovico. *La Repubblica Immaginaria*. Texto Original: “*Finito: Ora, per non edificare la città di questa nostra republica in sito tale, che per difetto d'aere ne volti in brevità di tempo tutti gli abitanti sotterra, faremo elezione del luogo proporzionato Allá sanità così naturale come accidentale.... Ora, per tornar noi a dar legge e forma al regimento della sanità della nostra republica.... Infinito: Come rimedierai tu all'ambizione di quelli che vogliono i palagi e non le case abitare?... Nisi Dominus custodiverit civitatem, frustra vigilat qui custodit eam*”. Tradução Nossa. Apud: BAROCCHI, Paola. *Scritti d'Arte del Cinquecento*. p.3275-3282.

mencionou ainda que para que houvesse uma arquitetura de qualidade seria necessário atender a dois princípios: utilità (utilidade) e dilettazone (prazer, beleza)²⁴. De forma objetiva, Palladio mencionou que por trás do conceito de dilettazone há outros dois conceitos, os de simmetrie e ornamenti²⁵. É relevante observar que no século XVI, o conceito de simmetrie não tinha mais o sentido grego da palavra, ou seja, não era mais um edifício projetado de acordo com as proporções humanas seguindo o número de ouro. Nas tratadísticas do segundo Renascimento, em Serlio, Vignola e Palladio, a simetria passou a ser entendida como o rebatimento perfeito das duas partes de uma obra divididas em uma linha central imaginária, como se entende hoje em dia. A difusão dos tipos arquitetônicos culminou no individualismo das ordens arquitetônicas.

Depois de Palladio, o cenário de primazia encontra poucos expoentes na Itália. Apenas o *Dell'Idée dell'Architettura Universale* de Vincenzo Scamozzi e o *Architettura Civile* de Guarino Guarini podem ser mencionados como tratados de relevância do século XVII. A efervescência do cenário italiano perdeu lugar para os modelos tratadísticos franceses, que tomam destaque até o início do século XX. A fragmentação da relação entre arquitetura e cidade culminou na fragmentação do próprio conceito de arquitetura. No século XVI, cidade não é arquitetura e, por outro lado, arquitetura é, sobretudo, construção.

²⁴ PALLADIO, Andrea. *Ibidem*. Livro 1, Capítulo 1. Venezia, 1570. Edição Fac-similar. Itália, 2000. Texto original: "*La architettura è un artificio circa lo habitare de li homini, che prepara in esso utilità e dilettazone*". Tradução Nossa. A *utilità* foi, sem dúvida, um conceito influenciado pelo *utilitas* mencionado inicialmente por Vitruvius e, posteriormente, por Alberti. O outro conceito palladiano, o de *dilettazone*, também pode ser considerado similar ao conceito vitruviano de *venustas* (beleza) e ao conceito albertiano de *concinnitas*.

²⁵ Idem. *I Quattro Libri della Architettura*. Livro 1, Capítulo 2, Folio 6.

3. A ideia de cidade iluminista – século XVIII

A tratadística renascentista que nasceu na Itália se difundiu por toda a Europa, principalmente Espanha, França e Holanda. A península ibérica conheceu, em especial, intervenções urbanísticas em Braga, Monção, Estremoz, Lisboa, Valença e Madrid. Além destas cidades que estavam sendo reformadas, havia o mundo colonial a ser criado. Belém, Rio de Janeiro, Salvador são apenas alguns exemplos de cidades no Brasil que passaram por grandes projetos urbanos aos moldes do modelo Italiano dos séculos anteriores. Os tratados de Alberti, Giorgio Martini e Serlio, além do Diego de Sagredo formaram as bases literárias para os tratados lusitanos. 'Da Fábrica que falece à Cidade de Lisboa' do teórico português Francisco de Holanda publicado em meados de 1537, o 'Método Lusitanico de Desenhar as Fortificações das Praças Regulares e Irregulares' de Luís Serrão Pimentel de 1680 e, o 'Engenheiro Português' de 1728 escrito por Manuel Azevedo Fortes foram as fontes secundárias dos urbanistas e arquitetos Ibéricos do século XVIII.

A cidade iluminista pretendia ser um novo paradigma urbano na Europa, na América e na África. Sem esquecer as colônias Ibéricas no Oriente, a fundação das cidades e vilas no ocidente era uma delimitação política de fronteiras e poderes. Muitas destas vilas do Brasil oitocentista foram criadas segundo os modelos iluministas de traçados regulares, como São José de Macapá (1758), Vila Nova de Mazagão (1770), Vila Bela do Mato Grosso (1777) e São João do Parnaíba (1798). A ocupação destes territórios contou com a colaboração das ordens religiosas e o apoio do papado, porém sob regime coeso do Marquês de Pombal. O ano de 1750 marcou profundamente o urbanismo iluminista nas colônias, já que por ordem Real dá-se a criação de uma exposição para mapear as cidades portuguesas na América e na África. Um exército de 34 cartógrafos, astrônomos,

técnicos e engenheiros possuía apenas 10 portugueses, e culminou na expulsão dos jesuítas em 1759.²⁶

O ideal iluminista, apesar de nascido na França, apresentou repercussões no mundo lusófono antes da revolução Francesa e da reforma de Paris. Seu grande idealista foi o Marquês de Pombal, primeiro ministro de sua majestade Dom José. No Brasil oitocentista, as regiões Norte e Nordeste foram alvo direto na reforma urbana e todos os grandes centros passaram por reformas educacionais mais amplas, tornando o Estado mais autônomo da Igreja e expulsando as ordens do Império Português, dentro de determinadas condições políticas.²⁷

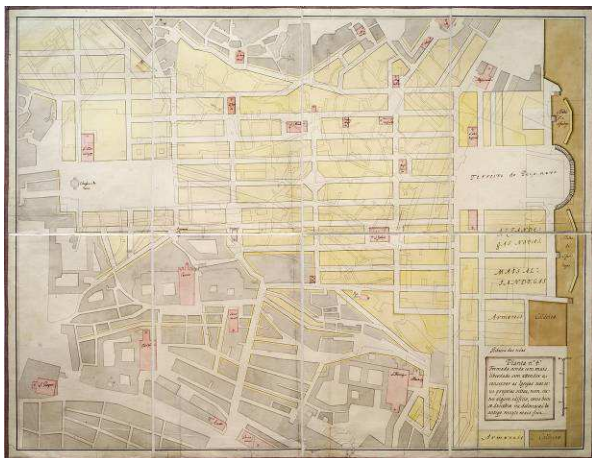


Imagem 5. Plano da Baixa do Rossio, com traçado urbano anterior e novo.

²⁶ Os sargento-mor de infantaria efetuando trabalho de engenheiro José Custódio de Sá e Faria e Sebastião José da Silva, os capitães de infantaria Francisco Xavier Paes de Menezes e Bragança, Gregório Rebelo Guerreiro Camacho, o ajudante de infantaria Guilherme Joaquim Paes de Menezes e Bragamça são alguns exemplos de militares do ofício de urbanizadores no Brasil do século XVIII. Ver: TEIXEIRA, Manuel; VALLA, Margarida. *O Urbanismo Português. Séculos XIII-XVIII*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

²⁷ ROSSA, Walter; TOSTÕES, Ana. Lisboa 1758. *O Plano da Baixa Hoje*. Catálogo de Exposição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2005. TEIXEIRA, Manuel; VALLA, Margarida. *O Urbanismo Português. Séculos XIII-XVIII*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

O plano de reconstrução de Lisboa de 1758, necessário após o terremoto, maremoto e incêndio de 1º de novembro de 1755, integrou todos os aspectos necessários da época para um plano de remodelação urbana. Porfírio Pardal Monteiro defendeu já em 1947 que o Plano de Pombal foi o primeiro grande plano de reforma urbana com os ideais ‘modernos’, comparáveis apenas com o plano de São Peterburgo, poucos anos depois. O ideal panificador em tabuleiro se repetiu com mesmos ideais na Vila real de Santo António em 1774.

O fato de significativa relevância dentro da teoria e história da arquitetura e do urbanismo está no fato de que o projetista principal do plano foi um engenheiro militar, o brigadeiro Manuel da Maia (1678-1763), cercado por um grande número de assistentes do órgão que dirigia: a casa do Risco das Obras Públicas.

4. Considerações finais

No caminho percorrido pela teoria da arquitetura desde o século XV percebemos uma transformação na sua base epistemológica e na sua produção como conhecimento autônomo, o que inclui o pensamento urbanístico. A cultura profissional dos arquitetos e urbanistas, plasmada pela cultura, manifesta-se nas ações projetuais. Alberti inaugurou esta *práxis* no século XV, e sua elaboração discursiva teórica passou a ser o reflexo legítimo de uma produção científica até hoje. Se nos séculos XVI e XVII as transformações intensas dentro deste campo científico produziram reformas urbanas e cidades utópicas, o século XVIII inaugurou, de modo intenso, as transformações espelhadas na revolução iluminista, que caminhava junto ao da revolução industrial.

A ação urbanizadora do Brasil neste período é evidente e o plano da baixa de Lisboa reforça a ideia que muitos haviam denunciado: o urbanismo Português do século XVIII já apresentava as raízes do movimento moderno. O

plano de reforma de Paris conduzido por Georges Eugène Haussmann, de meados de 1850, e o plano de Barcelona de Ildefons Cerdá, datado de 1860 nasceram quase um século depois do Plano de Pombal.



Imagem 6. Arco da Praça do Comércio em Lisboa. Desenho do Autor. Nanquim sobre papel Fabriano. 2010.



Imagem 7. Rua Central do plano de Pombal. Desenho do Autor. Nanquim sobre papel Fabriano. 2010.

Bibliografia

- ABREU e LIMA, Fellipe de Andrade. *A Tradadística do Renascimento - 1452*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2009.
- _____. *A Obra e o Tratado de Arquitetura de Giacomo Barozzi da Vignola*. Recife: Editora Bagaço, 2005.
- _____. *Arquitetura e Cidade na Tradadística do Renascimento Italiano*. Dissertação de Mestrado. MDU/UFPE. Recife: 2007.
- _____. *Ética e Estética nas Arte, Arquitetura e Urbanismo Contemporâneos Uma Crítica Realista*. In: International Association for Critical Realism, 2009, Niterói. Realismo e Emancipação Humana: Outro Mundo É Possível?. Niterói : UFF, 2009. v. 1, p. 1-26.
- _____. *A Relação entre Arquitetura e Cidade*. Revista Continente Multicultural. Recife: setembro, 2006.
- _____. *O Ofício da Arquitetura: Uma Crítica no Século XXI*. Revista Continente Multicultural. Recife: junho, 2006.
- _____. *Cultura Arquitetônica e Sociedade do Quattrocento Italiano*. Veredas FAVIP, v. 1, p. 3-8, 2009.
- _____. *Antropometria, Individualismo e Genialidade na Tradadística do Renascimento Italiano*. Veredas FAVIP, v. 2, p. 1-20, 2009.
- _____. *Os Princípios Arquitetônicos do Renascimento Italiano*. Veredas FAVIP, v. 1, p. 4-9, 2008.
- ACKERMAN, James. *Distance Points: Essays in Theory and Renaissance Art and Architecture*. Cambridge/Massachussets and London/England: MIT Press, 1991.
- ALBERTI, Leon Battista. *On the art of building in ten books*. Translated by Joseph Rykwert, Neil Leach and Robert Tavenor. MIT Press, Cambridge/Massachussets and London/England, 1988.
- _____. *L'Architettura*. Traduzione di Giovanni Orlandi. Introduzione e note di Paolo Portoguesi. Milano: Edizioni Il Polifilo. 1989.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Clássico Anticlássico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Imagem e Persuasão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ARUNDEL, Honor. *La libertad en el arte*. México: Grijalbo, 1967.
- BANHAM, Reyner. *Guía de la arquitectura moderna*. Barcelona: Blume, 1979.
- BENEVOLO, Leonardo. *Storia dell'Architettura del Rinascimento*. Bari: Laterza, 2002.
- _____. *Historia de la arquitectura del Renacimiento*. Barcelona: Gustavo Gili, 1984.
- _____. *A Cidade e o Arquiteto*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- _____. *História da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BERRY, David. *Idéias centrais em sociologia. Uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

- BLUNT, Anthony. *François Mansart and the origins of French classical Architecture*. London: Penguin Books, 1941.
- BOTTOMORE, Tom. *A dictionary of Marxist thought*. Cambridge: Harvard University Press, 1983.
- BOUDON, Philippe et BOURRICAUD, François. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.
- BURKE, Peter. *Uma História Social do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- _____. *O Renascimento Italiano. Cultura e Sociedade na Itália*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.
- _____. *Sociologia e história*. Lisboa: Afrontamento, 1970.
- CANEVACCI, Massimo. *Dialética do indivíduo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CASSIRER, Ernst. *Individuo y cosmos en la filosofía del renacimiento*. Buenos Aires: Emecé, 1951.
- _____. *Renaissance philosoph of man*. Chicago: University Press, 1948.
- CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1962.
- CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- CHOISY, Auguste. *Historia de la arquitectura*. Buenos Aires: Victor Lerú, 1951.
- COLQUHOUM, Alan. *Modernidade e Tradição Clássica*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- CUFF, Dana. *Architecture: the story of practice*. Cambridge: The MIT Press, 1993.
- D'AGOSTINO, Mário H. *Geometrias Simbólicas da Arquitetura*. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
- DAHRENDORF, Ralf. *Ensaio de teoria da sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Imprensa Universitária, Editorial Estampa, 1984.
- D'ORS, Eugenio. *Las ideas y las formas*. Madrid: Aguilar, 1966.
- DUMONT, Louis. *O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- _____. *Homo Hierarqúicus. O sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP, 1992.
- DURANT, Will. *A Renascença. História da Civilização na Itália*. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. *A Reforma*. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2002.
- DURKHEIM, Émile. *A divisão do trabalho social*. Lisboa: Presença, 1984.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- GLOAG, John. *Guide to Western Architecture*. London: Spring Books, 1969.
- GOMBRICH, Eric. *L'Art et son histoire*. Paris: René Juliard, 1967.
- HALE, John. *La Civilisation de L'Europe à la Renaissance*. Sarthe-France: Éditions Perrin, 2003.
- HAUSER, Arnold. *A arte e a sociedade*. Lisboa: Presença, 1984.
- HEGEL, G.W.F. *Cursos de Estética*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

- HEYDENREICH, Ludwig. *Arquitetura na Itália 1400-1500*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- JACOBS, David. *Architecture*. New York: Newsweek Books, 1974.
- JOHNSON, Paul. *O Renascimento*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- KOYRE, Alexandre. *Estudos galilaicos*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.
- _____. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro: Forense, 1979
- KOPP, A. *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*. São Paulo: Nobel-Edusp, 1990.
- KOSTOF, Spiro. *The City Shaped. Urban Patterns and Meaning Through History*. New York/Boston/London: Bulfinch Press, 1991.
- _____. *El arquitecto: historia de una profesion*. Madrid: Catedra, 1984. p.13. Tradução nossa.
- KRAUTHHEIMER, R. Alberti and Vitruvius. In: *Studies in early Christian, Medieval and Renaissance Art*. New York: 1969.
- KRUF, Hanno Walter. *A History of Architectural Theory: From Vitruvius to the Present*. New York: Princeton Architectural Press, 1994.
- LEFÈVRE, André. *Les merveilles de l'architecture*. Paris: Librairie Hachette, 1984
- LINTON, Ralph. *Cultura e personalidade*. São Paulo: Mestre Jou, 1973.
- LOTZ, Wolfgang. *Studies in Italian Renaissance Architecture*. Cambridge: MIT Press, 1977.
- _____. *Arquitetura na Itália, 1500-1600*. New Haven: Yale University Press.
- LOWIC, Lawrence. *The Meaning and Significance of the Human Analogy in the Francesco di Giorgio's Trattato*. In *Journal of the Society of Architectural Historians*, XLII, 4, 1983.
- LUKÁCS, Georg. *Estética*. Barcelona: Grijaldo, 1972.
- _____. *Introdução à Estética Marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- _____. *História e Consciência de Classe*. Porto: Publicações Escorpião, 1974.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Porto Alegre: Globo, 1952.
- MARCH, Lionel. *Architectonics of Humanism*. London: Academy Editions, 1998.
- MARQUES, Ricardo de Azevedo. *Antigos Modernos*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2010.
- MARTIN, Roland. *Architecture of the world: Greece*. Hamburg: Taschen, 1990.
- MERTON, Robert King. *Sociología de la ciencia*. Madrid: Alianza Universidad, 1977.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na História*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MURRAY, Peter. *L'Architettura del Rinascimento Italiano*. Roma: Laterza, 2002.
- _____. *Renaissance Architecture*. New York: Harry Abrams, 1971.
- NIEMEYER, Oscar. *A forma na arquitetura*. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *Arquitectura Occidental*. Barcelona: Gustavo Gili, 1983
- PANOFKY, Erwin. *Idea: a evolução do conceito do belo*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- _____. *Arquitetura gótica e escolástica*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- PAYNE, Alina. *The architectural treatise in the Italian Renaissance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

- PEVSNER, Nikolaus. *Panorama da Arquitetura Ocidental*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *Dicionário Enciclopédico de Arquitetura*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.
- PLATÃO. *A República*. Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- POPPER, Karl. *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2001.
- PULS, Maurício Mattos. *Arquitetura e Filosofia*. São Paulo: Annablume, 2006.
- ROSSA, Walter; TOSTÕES, Ana. *Lisboa 1758. O Plano da Baixa Hoje*. Catálogo de Exposição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2005.
- ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ROSSI, Paolo. *O Nascimento da Ciência Moderna na Europa*. Bauru: Ed. Sagrado Coração, 2001.
- RUSSEL, Bertrand. *Autoridad y individuo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- RYKWERT, Joseph. *A Casa de Adão no Paraíso*. A idéia da cabana primitiva na história da arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. *A Sedução do Lugar*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *El Cielo em la Tierra. La Ciudad Ideal en la Historia*. In: *Arquitectura Viva*, 1988.
- SCOTT, Geoffrey. *Arquitectura del Humanismo*. Barcelona: Barral, 1970.
- SICHEL, Edith. *O Renascimento*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1977.
- SILVA, Elvan. *O imaginário do ofício na Arquitetura*. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Porto Alegre, 2005.
- SUTTON, Ian. *Western Architecture. A Survey*. London: Thames and Hudson, 1999.
- TAFURI, Manfredo. *Teoria e História da Arquitetura*. Lisboa: Martins Fontes - Editorial Presença, 1979.
- TEIXEIRA, Manuel; VALLA, Margarida. *O Urbanismo Português. Séculos XIII-XVIII*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.
- TURNER, Jane. *The Dictionary of Art*. Ohio: RR Donnelley & Sons Company, Willard, 1996.
- UNIACK, G. *De Vitruve a Le Corbusier: textes d'architectes*. Paris: Dinod, 1968.
- VILLORO, Luis. *El pensamiento moderno. Filosofía del Renacimiento*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- VON MARTIN, A. *Sociología del Renacimiento*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- WEBER, Max. *Economía y sociedad*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- WITTKOWER, Rudolph. *Architectural principles in the Age of Humanism*. New York: W.W. Norton, 1971.
- ZEVI, Bruno. *Saber Ver a Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. *Storia e Controverbia della'Architettura in Italia*. Roma: Newton & Campton, 2005.